



O papel do filho na família e sua inferência no meio social e comunicacional¹

Jônatas José Lima de OLIVEIRA²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Estabelecendo como partida de estudo a análise dos signos, o valor da abdução e indução de fatores culturais pertinentes nas relações sociais, este artigo dirige-se a uma análise semiótica peirciana dos signos inerentes a família, seu aspecto construtivo na formação da personalidade dos indivíduos, atrelando aos estudos a psicanálise e a construção do belo, uma vez que em nas ciências positivistas se faz presente a definição de belo e os aspectos que o permeiam, trazendo em debate a ação do signo no discurso e na política brasileira atual.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; família; filho; política; signo; belo; psicanálise; semiótica; Peirce; Freud; Jung; Saussure.

Sistematicamente junto aos avanços significativos em que a sociedade moderna tem passado e seu valor emergindo nos conceitos culturais e presentes cada vez com mais veemência no discurso das pessoas, ainda se faz pertinente a indagação quanto a constituição de família e sua aplicabilidade, questões que emerge no âmbito social e que tem ultrapassado barreiras e se tornado movimentações políticas e socioculturais.

A problemática sobre família, seus aspectos constituintes e a formação ideológica pertinente a vida em comunhão, ou a vida em sociedade, tem sido levantada cada vez com mais força nas mais diversas situações, a medida em que as mídias se convergem no meio digital o poder de exposição dos discursos ganha uma abrangência maior, atingindo um grande público, mas tal discurso sempre esteve presente nas conversas, pois se faz pertinente ao meio social e a constituição de vida.

Para se tratar tal assunto e analisar seus aspectos e personagens como neste artigo se destina a visão do filho em núcleo familiar, devemos voltar a questões básicas do ser, a sua formação cognitiva do que realmente é, a desconstrução do mundo ao qual

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Semiótica da comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação do Curso de Relações Públicas na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, email: jjonataslima@gmail.com



faz parte e uma nova perspectiva obtidas nesta desconstrução, para que assim possa ser feita uma autoanálise e seu papel social e comunicacional.

Abordando os conceitos comunicacionais, atrelamos neste trabalho uma relação de causa e consequência, partindo do pressuposto de que a comunicação é o pilar do desenvolvimento da sociedade em seus mais variados aspectos e sua relevância estar presente em todas as esferas que circundam a vida. Uma vez que a comunicação se faz pertinente nos mais diversos patamares de interação, não somente na fala ou na escrita, mas estudos demonstra que 60% da comunicação acontece na forma não-verbal, tendo em vista tais fatores, se faz apropriado um estudo de semiótica peirceana e os estudos de Fernand de Saussure quanto a linguística.

Iniciando os estudos sobre a iniciação da vida social das crianças, utilizamos os estudos de linguística de Saussure que apresenta o teor explicativo em seu aspecto significado e significante, se faz importante na desconstrução desses aspectos por nos mostrar as composições que norteiam as ideias concebidas e adotadas no meio social.

Antes de nos confrontarmos com Saussure, um fator deve ser levado em consideração, a ciência da descoberta de Peirce, onde neste singelo trabalho acadêmico tento modificar a ordem de alguns pontos que acredito ter maior relevância. Seguindo o conceito da lógica da ciência de Charles Sanders Peirce nos deparamos com as ciências da descoberta e dentre elas as ciências psíquicas e filosofia, decorrendo a tríade peirceana quanto a filosofia nas ciências normativas encontramos a semiótica em sua essência na retórica pura e na lógica, a qual atribuo valor imensurável neste trabalho.

Utilizando das duas forças universais explanadas por Peirce, que seria a de força e de conciliação, apresenta-se nas ciências normativas a tríade da lógica, essa que vai conversar diretamente com a linguística de Saussure. Encontramos na lógica um processo que norteia as interações do indivíduo com o mundo, tendo em vista uma visão antropofórmica, em que se tem o signo como a forma em que o homem põe, apresenta-se o valor da abdução, indução e dedução por sobre todo e qualquer signo.

Em seu valor abduativo podemos dialogar diretamente com Saussure quando tratamos de significado e significante, ainda mais, trazendo tal fator para psicanálise freudiana falamos em teor de consciência, onde uma ideia ou ideal se manifesta em patamar inconsciente e perpassa a fronteira tornando-se consciente, a ideia começa a ganhar forma e assim nascendo seu valor abduativo, como na problemática apresentada neste artigo, o filho, em teor de primeiridade apresenta-se independente do eu, uma



nova vida que surge, nesse momento se faz presente o teor abduativo ao qual vai designar a ideia ou o ideal de filho nas primeiras famílias.

Seguindo a lógica semiótica quando se apresenta o poder abduativo no consciente de um indivíduo, nele molda uma ideia a qual virá a ser concebida. No ato posterior da concepção de tal ideia, o poder de indução aparece com um certo teor de secundidade, nas quais as ideias são lançadas no meio social através de signos com formas aos quais o próprio homem põe e atrelado a isso as ideias se chocam com os demais indivíduos causando assim a relação de ação e reação destes mesmos signos. Ao se falar em filhos, apresenta-se um teor de proteção e vulnerabilidade em que permeiam as crianças, exaltando nelas seu caráter mais vazio ao qual teria de ser moldado seguindo os costumes dos pais. Desse modo ao se fazer uma pequena análise podemos apontar aqui a diferença que surge no discurso dos pais junto a seus filhos, esse choque que ocorre entre o indivíduo socializado perante a administração de uma nova vida.

Utilizando dos estudos sobre análise do discurso fazemos aqui uma pequena síntese do processo de cognição e ideologias para elencar a fundamentação da importância da comunicação em âmbito social e sua perspectiva aparente nos mais diversos discursos dos mais variados tipos de pessoas. Tomando base de que os indivíduos desde tempos remotos se atem ao meio social, uma vez que para manutenção da vida se fez necessário o convívio em grupos sociais e assim surgindo vários aspectos construídos em poder abduativo e signos difundidos dentre eles por indução, esse meio social acaba tornando padrão em seu convívio certos aspectos que acabam tomando o caráter cultural e seu poder dedutivo o indica a aceitação do social do ideal empregado ao signo, dessa forma ao se deparar com o signo em secundidade os preceitos cognitivos se manifestam no ato do choque de ação e reação e os valores aceitos e difundidos pelo grupo se torna mediador desse choque.

Norteando-se através do valor de indução e dedução dos signos, pode-se fazer inferências ao estudo de linguísticas de Saussure quando se remete a arbitrariedade dos signos, em que aborda o conceito de que o signo em nada tem a ver com o que representa. Claramente em uma visão linguística, pois ao se remeter nesse viés utiliza-se da fonética e gramática para explicar a representação, uma vez que a nuance da escrita alfabética é uma criação abduativa de representação da fonética e difundida indutivamente. No livro, *Curso de linguística geral* (1995), a língua é assim definida por Fernand de Saussure (1995, p.15-25)



A língua é um todo por si e um princípio de classificação [...] a língua constitui algo adquirido e convencional [...] trata-se de um tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo [...] a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente [...] ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem cria-la, nem modifica-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.

Trabalhando com tal noção de Saussure tento fazer um paradigma entre a fonética, gramática e o papel do filho em um ambiente familiar. De certo modo quando se fala em filho pouco se faz inerente o questionamento de seu papel perante as demais pessoas as quais está em contato direto. Um ponto do qual partimos em nossa análise é de que cada um de nós somos filhos e já fomos crianças um dia, esse pressuposto de certo modo faz crescer um certo sentimento de saudosismo ao lembrar de épocas remotas, mas isso está diretamente inferido na visão em que se faz de uma criança e sua capacidade de aprendizagem.

Em seu teor comunicacional o papel do filho está atrelado aos conceitos em que são expostos no eixo familiar, tendo em consideração a análise discursiva como ponto de partida para compreender o teor de asujeitamento em detrimento ao que lhe foi apresentado. Considerando a frase de Roland Barthes em que destaca a língua como “fascista”, a análise discursiva vai nos indicar um fator preponderante nas relações humanas ao tratar de seu eixo ideológico ao elencar ideias em síntese da fala.

“Quando Saussure opõe língua e fala, ele opõe uma forma contratualizada em sociedade, coletiva, a língua, uma forma individualizada, a fala. O discurso propriamente dito não é individual. Ele é a manifestação atestada de uma sobredeterminação de toda fala individual.” (MAZIÈRE, 2005, p.13)

Na formação discursiva de um indivíduo, aspectos sócias, econômicos e as mais diversas formas de manifestações sociais vai interferir no seu processo de fala, uma vez que tais aspectos se fazem presente no seu dia a dia, sua ideologia será afetada pelo meio social em que convive. No eixo familiar essa formação discursiva aparece com mais força, pois trata-se do berço da formação de conceitos e o caráter adotado pelos



pais e difundido nos filhos, dessa forma, por mais que tente ser autêntico, seu discurso sempre estará fadado a carregar questões pertinentes ao ser e sua relação com seus pais.

Aspectos como esse nos leva a desacreditar na imparcialidade por completo, uma vez em que um discurso é articulado através de experimentações e o convívio no meio, seu valor de imparcialidade é deixado de lado por carregar consigo ideologias anteriormente produzidas e de forma consciente ou inconsciente trazidas à tona.

Sendo a semiótica uma ciência positivista, temos em Peirce a contrapartida da qual precisamos para fundamentar essa linha de pensamento ao qual se faz pertinente nas interações sociais, uma vez que na visão positivista de Peirce, a beleza é o que nos guia e nos atrai, de certa forma a visão de beleza se torna algo a ser abordado no âmbito familiar e se faz necessária no questionamento de seu impacto em meio ao social.

A beleza por si está em caráter subjetivo, inerente ao ser, dessa forma se tornando um paradigma de convergência entre os indivíduos. Em estado de primeiridade a beleza está no campo da experimentação e na ciência da descoberta, abordaremos a beleza com o conceito da análise estética, no qual se norteia como estético tudo aquilo que nos remete sensações, seja ela qual for.

A tentativa de compartilhar de tal beleza ou das sensações está intrinsecamente ligada nas questões de secundidade da fenomenologia, uma vez que o mundo vos é apresentado por signos, a tentativa de partilhar de aspectos subjetivos o faz lançar signos no meio social, aferindo primeiramente na qualidade dos sentimentos e posteriormente no choque de ação e reação desses signos no contexto social.

A visão de belo inerente a cada ser vai estar presente na construção de sua relação com o próximo, tendo em seu eixo familiar a mais forte dessa relação. Quando nos retratamos a paternidade e zelo pelos filhos, estamos nos referindo a concepção de um indivíduo sobre o que seria melhor para o outro, moldando-o para seguir caminhos e difundir sua visão de beleza.

Retrocedendo a conceitos aqui já abordados, retomamos os aspectos de construção de ideias e agora emergindo na personalidade das pessoas, ao se dialogar com a concepção familiar e mais profundamente a paternal, nos deparamos com a problemática que se faz presente na manutenção da vida e seu viés social. Quando um sujeito se torna responsável por algo ou alguém, é inevitável que no convívio sua personalidade se sobressaia e que os choques entre eles se tornem cada vez mais gradativos, mas no início, quando existe o choque em secundidade entre um indivíduo livre e agora um ser que se torna pai ou mãe, é de certa forma inevitável que sua visão



de beleza e os valores que coletou no meio social em sua existência até aqui seja moldada em relação a pessoa que acaba de surgir.

Um pai ou uma mãe, seja qual for sua escolaridade ou classe social, vai criar em qualidade de sentimentos um mundo ideal para seu filho, se baseando em suas experiências e moldando as crianças para buscarem no meio social as belezas as quais foram citadas pelo eixo familiar. Com essa difusão de beleza nas famílias, onde cada uma delas expõe em seus grupos sociais tais valores, a dicotomia apresenta-se presente na pluralidade de opções que se apresenta nas diversas relações em que um sujeito vai ter ao longo da vida.

Esse aspecto agrava-se a partir do momento em que um filho ainda pequeno começa a se deparar com essa inconstância e o choque entre as concepções de beleza que se faz pertinente em um habitat conturbado da vida em sociedade. As disparidades se faz presente dentro do ser e o choque o faz questionar sobre o certo e o errado, tal choque pode ser engrandecedor para manutenção de velhos conceitos ou pode se tornar difuso e angustiante, uma vez em que o sujeito começa a se questionar e essas questões perpassam as leis sociais esbarrando na moral e na ética.

Apresentando o caráter de papel social e o papel do filho, o livro *Semiótica Aplicada* de Lúcia Santaella nos faz de grande valia ao abordar os signos na fenomenologia e a semiose das instituições, levando em consideração as instituições sociais como as nações, estados e até aqui a família.

Do contexto de interação, outro conceito importante de integração institucional de elementos de ação é derivado: o conceito de papel. Há sempre um aspecto no sistema de expectativa: de um lado, “há as expectativas que concernem e, em parte, estabelecem padrões de comportamento do ator, ego, que é tomado como ponto de referência; essas são suas expectativas de papel. De outro lado, de seu ponto de vista, estes são conjuntos de expectativas relativas às reações contingentemente prováveis dos outros, estas serão chamadas de sanções, que, por sua vez, podem ser subdivididas em positivas e negativas dependendo de elas serem sentidas pelo ego como promotoras de gratificação ou não. A relação entre expectativas de papel e sanções é claramente recíproca. O que são sanções para o ego são expectativas de papel para o alter vice-versa. O papel é, então, o setor de um sistema de orientação total de um ator individual que se organiza sobre expectativas em relação a um contexto de interação particular integrado a um conjunto de padrões de valor particular que governa a interação com um ou mais alters nos papéis complementares apropriados. Neste contexto conceitual, diz-se que uma instituição é um complexo de integração de papéis institucionalizados (a saber, relações de *status*) que tem significância estratégica em um dado sistema social” (ibid.: 38-39).



Neste aspecto o valor de indução de papéis, trazemos à nossa problemática no eixo familiar, em que os papéis que rodeiam tal instituição estão de forma dedutiva e indutiva presente no meio social. A atribuição de ego vai estar pertinente no convívio humano e principalmente familiar, quando tratamos do papel de filho atribuímos a tais uma inferior noção de valia ou do teor participativo nas decisões. Dizeres como, “cresça e apareça”, “saberá quando for pai”, dentre outros modelos demonstra um valor de status no qual se faz ao papel de pai, tendo em seu meio social a difusão de valor moral a preservação familiar, se intitulando “pai de família” como um ser respeitado e de boa índole que contribui com a sociedade.

Em relação aos seres quanto aos estudos psicanalíticos, a relação de pertença de um indivíduo ao meio social e a instituição familiar é abordada pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, que em seus estudos aponta para consciência coletiva em detrimento do meio social e as relações de pertença.

Nos artigos aos quais aborda o desenvolvimento da personalidade, Carl Jung aborda a psicologia infantil tendo nela seu ponto de maior força na psicologia analítica e educação onde aponta a psicologia dos pais e educadores de importância decisiva no processo do crescimento e do amadurecimento da criança, destacando que o relacionamento psíquico insuficiente entre os pais, possíveis causas de distúrbios psíquicos na infância.

Abordando a formação da personalidade Jung destaca que o desenvolvimento mais amplo da totalidade humana é a personalidade e essa tem se tornado o ideal pedagógico para educação, fazendo do ser um sujeito coletivizado e ou normal diante do modelo padronizado e promovido pela massificação geral. Em tal eixo temático, Jung demonstra que atualmente que o atual modelo de educação seguindo um certo fordismo de construção mecanicista do conhecimento não seria educar de forma alguma, relacionando isso ao fato da falta da educação para à personalidade em tempos anteriores, fazendo com que adultos tenham em si o modelo de uma criança para sempre, afirmando que para que haja uma real educação para personalidade nas crianças, os educadores e os pais teriam que primeiramente serem educados para tal.

Todo o nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação no educador adulto. Todo aquele que terminou os estudos acha que sua educação está completa ou, em outras palavras, que já é adulto. É preciso mesmo que se considere desse modo e tenha firme convicção quanto à sua competência, para poder enfrentar a luta pela existência. Dúvidas e sentimentos de insegurança haveriam de



tolher ou perturbar-lhe a ação, minar a crença tão necessária na própria autoridade e torná-lo inapto para a vida profissional. É preciso que os outros digam que ele sabe as coisas e que está seguro em seu ofício; e não, que duvide de si e de sua competência. O profissional está como que inevitavelmente condenado a ser competente. Todos sabem que esse estado de coisas não é ideal. Mas, nas circunstâncias existentes, é o melhor possível, mesmo que se deva afirmar isso com certa reserva. Nem mesmo se imagina como seria possível mudar as coisas. Da média dos professores não se pode esperar mais do que da média dos pais. Desde que sejam bons profissionais na especialidade, devesse satisfazer com eles, como também com os pais que educam seus filhos da melhor maneira possível. (Da formação da personalidade, JUNG, 1934)

Jung vai abordar os relacionamentos como algo psíquico em que os indivíduos estão em estado de consciência, pressupondo-se que seria a consciência do “eu”, em que para tornar-me consciente de mim mesmo, devo distinguir-me dos outros, fazendo com que dessa forma possa surgir um relacionamento.

Abrangendo essa questão, em detrimento a tudo o que já foi apresentado até aqui no artigo, leva-se em consideração o número crescente do conceito de família em caráter social e político, uma vez que o belo se faz subjetivo e as visões sobre o aspecto de família entra em choque nos interesses dos indivíduos, nas lutas de gêneros e classes.

O aspecto familiar tem servido de base para o meio social e essa temática tem sido debatida com mais veemência em âmbito político, quando nos referimos a direitos e deveres sociais, que acaba se difundindo em escala maior e tomando conta do discurso presente no dia a dia das pessoas quanto a religião e união de casais homossexuais.

Nesse contexto o papel do filho aparece com mais força e nos discursos se apresenta mais frequente, tanto na defesa da homossexualidade quanto no discurso contrário. Tendo base nos dizeres de Peirce onde aborda a questão de que o belo nos move e a necessidade humana de compartilhamento das belezas que adotamos, os discursos de defesa da família tem crescido em caráter partidarista e parlamentar, encabeçados por líderes religiosos, tem tido como fomento de suas campanhas a manutenção de uma visão tradicionalista de família e seus preceitos contidos na bíblia.

Para analisar esse contexto utilizaremos de base as eleições do ano de 2014 em que se fez uma das eleições mais dividida entre diretrizes políticas, tornando-a acirrada e mostrando as nuances que permeiam a sociedade brasileira. Particularizando para a problemática familiar pode-se notar que a diretriz do signo que aponta ao inconsciente



na forma de semelhança se faz cada vez mais presente, ao explicar família as objeções nos levam aos trejeitos tradicionais de sua constituição em que apresenta um homem como pai, uma mulher fértil como mãe e as crianças. Outra vertente política caminhava no sentido contrário, defendendo a nova visão libertária e difundindo um discurso de respeito às diferenças, e assim se constituiu uma relação eleitoral em que a família esteve presente nos debates sendo abordada em seu eixo estrutural e seu valor indutivo/abduutivo.

Tendo em suma a repercussão de uma eleição em que elegeu os parlamentos mais conservadores até então, faremos uma breve análise dos partidos cristãos em que se mostrou particularmente defensor da concepção de família. Iniciamos a análise com o Partido Trabalhista Cristão (PTC) em que tem como presidente nacional Daniel S. Tourinho, abordando os números do partido na eleição em que para deputado estadual apresentou 557 candidatos, para deputado federal apresentou 240 candidatos, para senador participou com 4 candidatos, vice-governador e governador com 2 candidatos.

O Partido Social Cristão (PSC) que tem como presidente nacional Víctor Jorge Abdala Nósseis, apresentou 990 candidatos, sendo eles, 742 para deputado estadual, 191 para deputado federal, 1 para senador, 4 para vice-governador, 2 para governador, 1 para vice-presidente e 1 para presidente.

O Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) que tem como seu presidente o senhor José Levy Fidelix da Cruz, apresentou no pleito um total de 694 candidatos, sendo eles 415 para deputado estadual, 254 para deputado federal, 6 para senador, 10 para vice-governador, 7 para governador, 1 para vice-presidente e 1 para presidente.

O Partido Social Democrata Cristão (PSDC), cujo presidente é o senhor José Maria Eymael, teve no pleito de 2014 um total de 769 candidatos, os quais são divididos em 533 para deputado estadual, 227 para deputado federal, 2 para senador, 3 para vice-governador, 2 para governador, 1 para vice-presidente e 1 para presidente.

Todos esses números apontam para o fato de que em virtude da concepção da família e a visão do belo compartilhada dentre os entusiastas dos partidos tem crescido em força proporcional na sociedade brasileira, tendo em si como prerrogativa seus conceitos para difusão em escala maior no social, com discurso humanista e ainda assim enaltecido pela visão do filho não só na família tradicional, mas na santíssima Trindade, o filho de Deus, Jesus Cristo.

Considerações finais



Como tudo na análise do discurso observa-se o valor ideológico da igreja aplicada a problemática social que norteia as campanhas dos candidatos. É correto afirmar que somos induzidos a certas formas de analogias literárias ou em forma inconsciente utilizando-se de jargões aos quais somos submetidos em nossas relações.

O papel do filho está além de uma relação afetiva ou do cuidado com saúde e bem-estar, de alguma forma os filhos são submetidos a diretrizes que remetem aos pais, fazendo que por muitas vezes queiram seguir seus passos, ou na psicanálise freudiana, após as fases de descoberta do mundo, de forma inconsciente o filho tente substituir o pai ou a mãe.

Segundo Jung, os filhos em sua personalidade vai ser parte de um processo psíquico que deriva dos pais, uma vez que a índole ou a personalidade já existe na criança, ela vai ser moldada a partir da relação de convivência com os laços fraternos. Ainda apresentando as questões da formação da personalidade, Jung faz uma análise que se torna pertinente ao abordar as diretrizes que constrói essa relação fraternal, onde um indivíduo que tem posição contrária ao que viveu na infância tenta proteger seu filho de que sofra do mesmo, tornando algo perigoso por deixar um espaço vago para uma criança de certo modo mimada. Deve-se ressaltar a preocupação de Jung quando aos anseios dos pais, em que projetam nos filhos anseios aos quais não conseguiram contemplar em si mesmos, fazendo com que a criança se torne uma visão da perspectiva dos fracassos dos pais.

Finalizando com a visão de uma ciência positivista, podemos aqui fazer uma análise do meio social em que a criança aparece seguindo as ciências das descobertas de Peirce e a psicanálise de Freud, um indivíduo é gradativamente moldado por seu meio social e suas relações familiares, em primeiridade, na qualidade de sentimento ou no inconsciente, o sujeito manifesta apressa por uma outra pessoa, até então não se sabe a razão, seria a denominada paixão, em secundidade os indivíduos que constitui a relação esbarram em seu ego relacionado com o do próximo, fazendo assim que nas ação e reação surja as divergências entre o casal, dando base a velha máxima de que é normal um casal brigar, mas no âmbito familiar apresenta-se em terceiridade o filho, que faz com que o casal ponha suas diferenças de lado em prol do bem-estar da criança, mesmo que separados esse tom de mediação de conflitos do filho continua pertinente nas famílias.



REFERÊNCIAS

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Àtica, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira e Thomson Learning, 2005.

NUNES, José Aloísio. **Teorias da Comunicação**: um panorama crítico e comparativo. Maceió: EDUFAL, 2011.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: histórias e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imagino, 1974.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Aion**: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.